

Edivaldo Del Grande, Presidente da Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (Ocesp)

O agronegócio precisa de mais atenção

da Redação

HÁ ANOS responsável pelo *superavit* da balança comercial, o agronegócio, no Brasil, diferentemente do que ocorre nos países desenvolvidos, não conta com subsídios nem com uma política agrícola que o proteja e o mantenha em rota de competitividade permanente.

O ano de 2009 foi particularmente difícil, não somente pelos reflexos da crise econômica internacional deflagrada em setembro de 2008, mas principalmente pelas intempéries que comprometeram a produtividade e a qualidade da safra.

Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a safra de 2009 deverá ser a menor desde 2002. Apesar do crescimento de 3,3% em relação ao ano passado, os 140,8 milhões de toneladas estão bem abaixo dos 145 milhões de toneladas estimados para este ano. Repetindo os padrões nacionais, o agronegócio paulista, apesar da retração nas exportações, da ordem de 10%, contribuiu para minimizar o *deficit* da balança comercial do estado. Até setembro de 2009, enquanto o estado apresentava um *deficit* de US\$ 16,8 bilhões, o agronegócio tinha *superavit* de US\$ 7,03 bilhões.

Para Edivaldo Del Grande, presidente da Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (Ocesp), que representa 108 cooperativas agrícolas paulistas, o agronegócio, pela importância econômica que tem para o País, merece melhor tratamento. A seu ver, em vez de incentivos, o produtor rural enfrenta sozinho o clima, a dificuldade do crédito, a burocracia para registro de produtos genéricos que poderiam baratear a produção, a ausência de política de preços, de um fundo garan-

tidor que permita acesso a seguros, a falta de estrutura logística e de segurança jurídica que tende a exigir índices de produtividade sem parâmetros técnicos corretos para permitir que continue dono de sua terra. Para completar, agora, se vê obrigado a se defender de ambientalistas por ter feito no passado o que lhe foi estimulado: o desbravamento das matas para tornar o solo produtivo gerador de alimentos e riquezas e, com isso, garantir o *superavit* da balança comercial.

Abaixo, a entrevista concedida a **Agroanalysis** por Edivaldo Del Grande, em que trata da questão do agronegócio, suas dificuldades e desafios:

AGROANALYSIS Qual o balanço o senhor faz do agronegócio no estado de São Paulo?

EDIVALDO DEL GRANDE De modo geral, o produtor rural brasileiro sofreu muito nas últimas safras, em especial por conta das condições climáticas, das exigências na liberação de recursos, do alto preço dos fertilizantes e das sementes, e do eterno problema da falta de um seguro rural que garanta não somente as perdas, mas também a renda do produtor. Em São Paulo, tivemos uma seca severa no final do ano passado. A safra de inverno sofreu com a seca no início, seguida de geada e chuvas em momentos alternados. Com exceção da soja, não houve uma só cultura no estado com uma boa performance. O milho foi castigado pela geada, com perdas de até 80%. O trigo, que vinha bem, sofreu com chuvas fortes durante a colheita, reduzindo a produção e a qualidade final do grão, o que dificultou sua comercialização. Hoje, ainda temos produtos encalhados dessa

safrã e estoques de passagem nos armazéns das cooperativas paulistas. Há a tentativa de escoamento por leilões, mas dada a baixa qualidade e o mercado internacional ofertado, os preços mal bastam para pagar os custos da produção. Na citricultura, a retração do mercado externo provocou o achatamento do preço da laranja, sem contar o *greening* que fez com que boa parte dos produtores erradicassem sua produção. Mais uma vez o preço não cobre os custos de produção com a agravante de que a laranja não pode ser estocada a espera de melhor preço. A cultura da cana-de-açúcar chega à sua terceira safra sofrendo com o preço abaixo do custo da produção. Somente a soja teve produtividade razoável e mercado garantido.

AGROANALYSIS E quais as expectativas para o próximo ano?

DEL GRANDE Infelizmente, a previsão não é das melhores. Apesar da esperada recuperação da economia, o setor continuará à mercê das intempéries que, a meu ver, foram as grandes vilãs da última safra. Costumo dizer que, para alimento, sempre há mercado, mas não há telhado que proteja a produção agrícola do sol excessivo, das chuvas torrenciais e das geadas. A liberação de crédito anunciada pelo governo federal, mesmo que o acesso ao financiamento fosse facilitado, o que não é verdade, não seria suficiente para resolver essa questão. É preciso que haja uma política agrícola efetiva, nos moldes do que se encontra nos países desenvolvidos. Com relação ao mercado, a boa performance internacional com safras altamente produtivas vai permitir reposição dos estoques, aumento de oferta do produto e consequente queda do preço. Esse fenômeno deve atingir também a soja.

AGROANALYSIS Quais os desafios para o setor?

DEL GRANDE São vários e enormes como é o agronegócio brasileiro. Estamos falando de um mercado de 140 milhões de toneladas, mais de US\$ 50 bilhões, com um potencial de crescimento fantástico. Mas o principal desafio é trabalhar para man-

ter o homem no campo, para que ele não se sinta impelido a migrar para os grandes centros. E, para isso, se faz necessário rever nossa política agrícola, que tem base em uma realidade arcaica. É preciso fazer chegar ao produtor rural o crédito, instituir um seguro rural a preços competitivos, criar o tão sonhado fundo de catástrofe que garanta indenizações provocadas por catástrofes climáticas e honrar a política de preços estabelecida, com estoques reguladores que efetivamente equilibrem a relação produção e demanda, sem falar na infraestrutura. Nesse quesito, tenho que reconhecer que São Paulo leva vantagem. Temos uma malha viária ampla e bem conservada. Realidade bastante diferente dos outros estados brasileiros. Mas ressalte-se que os custos portuários e com pedágios, um dos mais caros do mundo, anulam essa vantagem competitiva.

AGROANALYSIS As linhas de crédito liberadas pelo governo federal não foram suficientes para o setor?

DEL GRANDE Se formos falar em cifras, sim, elas são bem razoáveis – R\$ 107,5 bilhões, sendo R\$ 15 bilhões para produção familiar e R\$ 92,5 bilhões para a agricultura comercial. No entanto, em São Paulo, posso afirmar que apenas cerca de 30% dos produtores rurais conseguem ter acesso ao crédito. São aqueles que ainda têm uma situação mais favorável, sem endividamento. Da forma como está, o sistema continua a beneficiar aqueles que estão em melhor situação. Nesse sentido, as cooperativas se apresentam como alternativa, pois conseguem pulverizar o crédito obtido. Porém, essa não é a saída ideal, pois representa um alto risco para as cooperativas agrícolas que, para não desamparar o produtor, assumem o papel de banco.

AGROANALYSIS Qual a saída para essa situação?

DEL GRANDE Nosso desafio é buscar o fortalecimento das cooperativas de crédito para atuarem como financeiras dos produtores rurais de modo a reduzir os riscos das cooperativas agropecuárias. O recur-



“ Com exceção da soja, não houve uma só cultura no estado [São Paulo] com uma boa performance ”

so proporcionado pelas agro não contam com salvaguarda por inadimplência como contam as instituições financeiras.

AGROANALYSIS E, de modo geral como o cooperativismo pode contribuir para o crescimento do agronegócio?

DEL GRANDE O cooperativismo é um modelo de negócio que combina as vantagens da iniciativa privada, sólidas parcerias com o Poder Público e uma vocação histórica para a maior justiça na distribuição de riquezas. No cooperativismo não há a concentração do lucro, já que todos seus associados (cooperados) são donos do negócio. Desse modo, depois de todas as contas pagas, compromissos quitados, o que sobra é distribuído entre todos. Seja no setor agropecuário, na área de crédito, de saúde, de consumo ou do trabalho, o fato de os cooperados participarem de toda a gestão da empresa é uma vacina poderosa contra os abusos registrados nos mercados financeiros. Aliás, cabe dizer que a crise imobiliária nos Estados Unidos somente não foi mais grave porque figuravam, entre os investidores, cooperativas de crédito atuando sem especulações. No agronegócio, o produtor rural cooperativado, em sua grande maioria de pequeno porte, passa a existir como grande, a comprar como grande, levando vantagem na aquisição de insumos e sementes, com ganhos de escala. São dois itens que influenciam grandemente a composição de preço do produto. Além disso, a intercooperação, um dos princípios cooperativistas, que estabelece a congruência de interesses nas relações entre cooperativas de outros ramos, pode trazer grande vantagem competitiva.

AGROANALYSIS Com relação ao seguro rural, como o senhor avalia essa questão no Brasil?

DEL GRANDE O seguro rural é o grande nó do agronegócio. É pela ausência de um sistema de seguro adequado que o agricultor está altamente endividado e impossibilitado de ter acesso ao crédito. Ao mesmo tempo, o setor também não conta com o fundo garantidor que poderia estimular novas seguradoras a entrar no mercado, bem como coberturas melhores com preços menores para o meio rural. Se contasse com esse mecanismo, o ano de 2009 não teria sido tão devastador para o produtor. Hoje, se o homem do campo tem um prejuízo por causa da seca, da geadas ou das

chuvas excessivas, ele não conta com seguro e responde isoladamente por todo o prejuízo. Isso vem acontecendo há anos. E me pergunto: até quando? Até quando o produtor rural vai se arriscar a perder todo seu dinheiro, seu trabalho, sem um seguro que o ampare? Esse é um risco sério. As previsões indicam que em 2010 teremos a menor safra de todos os tempos e muito em função da insegurança dessa atividade e do alto endividamento do setor.

vada. A reforma agrária é importante, é necessária, mas muito mais necessário é conferir ao produtor rural a segurança física e jurídica para sua permanência no campo. O setor agrícola é o único a ter que comprovar sua eficiência, caso contrário perde seu patrimônio. Os índices de produtividade utilizados para definir o que é e o que não é produtivo datam de 1975, totalmente irreais e sem critérios técnicos, causando sérias distorções.

seu sustento, é com ela que diariamente ele lida. Da forma como foi concebida, a reforma inviabilizaria várias culturas tradicionais do país, como a maçã de Santa Catarina, o café de Minas Gerais. Além disso, não é justo transformar o produtor rural de uma hora para outra em criminoso. Depois de muita discussão, muita negociação, estamos conseguindo que o Ministério do Meio Ambiente flexibilize as exigências. Preservar é fundamental, mas com sustentabilidade, com critérios técnicos factíveis. As matas ciliares, não há dúvida, devem ser protegidas. Agora, exigir que os produtores substituam parte de sua produção que gera alimento e riqueza por recomposição florestal é sacrificar aquele que por anos foi incentivado a cumprir e está cumprindo o papel de provedor.

“Se estamos ajudando esses países preservando nossa mata, é justo que eles nos ajudem a proporcionar renda e vida de qualidade para aquelas pessoas que vivem na floresta”

AGROANALYSIS Como o senhor vê a questão da reforma agrária?

DEL GRANDE Por princípio, sou totalmente favorável à reforma agrária. Concordo que a terra deva ser destinada a quem produz. Mas, infelizmente, a forma como ela vem sendo feita não tem apresentado os resultados pretendidos. De um lado, é importante frisar que, para se fixar no campo, é preciso mais do que querer, é preciso ter conhecimento do negócio e, num país sem uma política agrária adequada, com tão poucos incentivos, é preciso ter um imenso amor à terra. Não há como dar certo destinar propriedades para as pessoas, sem um acompanhamento técnico, sem recursos. O que vemos é grande parte desse movimento sendo usado como bandeira para politizar a questão, produzindo inclusive “profissionais” que se especializaram em obter posse de terra, vender e migrar para fazer piquetes em outras áreas. Há um total desrespeito à propriedade pri-

AGROANALYSIS O senhor acha que o governo está falhando nessa área?

DEL GRANDE Confio na boa intenção e na competência do nosso governo. Acho natural a divergência, já que movimentos sociais e produtores rurais têm seus representantes e voz no governo. Isso é democracia. De nosso lado, acho que estamos muito bem representados pelo ministro Reinhold Stephanes e confio que chegaremos a um ponto de equilíbrio.

AGROANALYSIS O novo Código Florestal também é um assunto que vem causando reação do setor agropecuário. Como o senhor vê essa questão?

DEL GRANDE Mais uma vez tenho que concordar com a necessidade da iniciativa e discordar da forma como ela tem sido conduzida. Preservar o meio ambiente é uma responsabilidade de toda a sociedade. Mas saliento que ninguém mais do que o homem do campo quer a natureza preservada. Afinal, é dela que sai

AGROANALYSIS Qual a sua expectativa com relação à COP-15?

DEL GRANDE O encontro que acontecerá em dezembro, em Copenhague, gera grande expectativa de todas as partes. Discutir a preservação ambiental é condição fundamental para a continuidade da vida no planeta. Espero, no entanto, que seja levado em conta que permitir a produção é, da mesma forma, importante para a viabilização do nosso país e de toda a sociedade. O Brasil é um dos maiores responsáveis pelo abastecimento de produtos agrícolas do mundo. Impedir que essa atividade permaneça é um erro. Portanto, minha expectativa é que se encontrem caminhos em que a atividade agrícola possa coexistir com a preservação e, mais que isso, que não seja delegado apenas aos países menos desenvolvidos o ônus da preservação. É preciso que países que desmataram para proporcionar melhores condições de vida a seus cidadãos, agora paguem para que os outros países que ainda têm o que preservar, como o Brasil, possam continuar a fazê-lo. Veja, é uma relação de mão dupla: se estamos ajudando esses países preservando nossa mata, é justo que eles nos ajudem a proporcionar renda e vida de qualidade para aquelas pessoas que vivem na floresta. ■